

ESTUDO DE ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS DE ENVOLVIMENTO E DISTANCIAMENTO NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Janete dos Santos Bessa NEVES (PUC-Rio)¹

Resumo: Apresenta-se, no trabalho, o estudo de enunciados selecionados em diferentes seções de periódicos brasileiros em que há manifestação de avaliação sobre a matéria do jornalista americano Larry Rohter, publicada no New York Times. O objetivo da investigação é identificar e sistematizar as estratégias lingüísticas com que os sujeitos enunciadorees constroem a avaliação sobre a matéria. Destaca-se que os enunciadorees expressam essa avaliação com recursos lingüísticos específicos para assinalar ‘envolvimento’ ou ‘distanciamento’. A presente investigação insere-se no quadro teórico das ‘Operações Predicativas e Enunciativas’, do francês Antoine Culioli, e se propõe contribuir para uma abordagem pedagógica da leitura/interpretação de textos.

Palavras-chave: estudo semântico-enunciativo, avaliação, estratégias lingüísticas.

Abstract: It is presented, in the work, the study of enunciated selected in different sections of periodic Brazilians where it has manifestation of evaluation on the notice of American journalist Larry Rohter, published in the New York Times. The objective of the inquiry is to identify and systemize the linguistic strategies with that the citizens construct the evaluation on the substance. It is distinguished that the citizens express this evaluation with specific linguistic resources to designate ‘envolvement’ or ‘distance’. The present inquiry inserts in the theoretical picture of ‘Predicatifs and Enunciatifs Operations Theory’, of the French Antoine Culioli and it considers to contribute for a pedagogical boarding of the leitura/interpretação of texts.

Key-words: semantic-enunciative study; evaluation; linguistic strategies.

1. Introdução

Há alguns bons anos, o cineasta Glauber Rocha trouxe para a antologia jornalística brasileira a expressão “DEU NO NEW YORK TIMES”, que quer dizer que aparecer como notícia naquele jornal americano dá visibilidade ao noticiado, repercutindo em todo o mundo. E quem sentiu isso foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que teve uma reportagem², assinada pelo correspondente do jornal americano no Brasil, Larry Rohter, sobre sua suposta prática de beber e a preocupação dos brasileiros quanto a isso.

Neste trabalho, proponho-me realizar a análise de algumas avaliações emitidas sobre a notícia publicada e sobre a punição infringida ao jornalista americano de cancelamento do vista de trabalho no Brasil, a partir do estudo de enunciados, publicados em jornais e revistas eletrônicas ou não, produzidos por falantes de diferentes setores da sociedade. Veremos que o enunciadoree expressará sua opinião com *envolvimento*, assumindo totalmente ou em graus diversos a relação predicativa (proposição); ou com *distanciamento*, não assumindo a relação predicativa, transferindo a validação para outra entidade enunciativa. Entendemos que a análise de tais fenômenos se refere ao estudo da significação, considerando que, ao se construir um texto, se constrói significação.

2. Fundamentação teórica

A partir da abordagem das Operações Predicativas e Enunciativas, teoria do francês Antoine Culioli, verificamos que, ao construir a significação, o enunciadoree valida (ou não valida) as relações predicativas

¹ E-mail: jbessa@let.puc-rio.br

² Publicada em 09/05/04 e traduzida pela revista *Época*, em 17/05/04, sob o título “Hábito de beber do líder brasileiro torna-se preocupação nacional”.

(Culioli, 1990: 75). De uma mesma relação predicativa <João comprar pães> podem-se derivar, por exemplo, os seguintes enunciados:

- a. João comprou os pães.
- b. João deve ter comprado os pães.
- c. João comprou os pães?
- d. Felizmente, João comprou os pães.
- e. João tem de comprar os pães para o café.

Nesses enunciados o enunciador assume de formas e graus diversos a relação predicativa. Em (a), o enunciador construiu um valor de asserção, já que validou a relação predicativa, assumindo, com isso, que ‘sabe que João comprou os pães’.

Em (b), temos construído um valor de asserção com o verbo *dever*, só que, nesse caso, com grau de conhecimento mais enfraquecido em relação ao objeto construído. Ou seja, enquanto em (a) a assunção é total, em (b), numa escala de valores assertivos, o enunciado construído com esse verbo se caracteriza por se aproximar mais do valor do quase-certo, assinalando que o enunciador não tem total certeza do conhecimento.

O que caracteriza o enunciado interrogativo, em (c) é que nele o enunciador não valida a relação predicativa subjacente ao enunciado como certa ou não certa. Remete essa tarefa para o co-enunciador, pela construção antecipada do seu espaço enunciativo.

Já em (d), temos um valor modal apreciativo, em que, a partir de um conhecimento construído num outro espaço enunciativo (João comprou os pães), o enunciador constrói uma apreciação sobre essa asserção pré-construída, que, no caso, se realiza por meio do marcador *Felizmente*.

No exemplo (c), o agente ou origem deôntica (sujeito enunciador) age sobre o alvo deôntico (João) impondo-lhe um comportamento, uma obrigação. Essa relação de agentividade é de natureza enunciativa e é validada na mesma enunciação.

A partir desse enfoque faremos a análise e a identificação dos enunciados do nosso corpus. Estaremos tratando das estratégias de assunção, com maior ou menor grau de envolvimento, e das estratégias de distanciamento ou de desresponsabilização.

Vale destacar que as estratégias que aqui estudamos dizem respeito aos valores modais dos enunciados, ou seja, veremos que essas estratégias dizem respeito ao posicionamento do enunciador frente ao enunciado construído e esse enunciador poderá expressar sua opinião, seu julgamento, sua avaliação com maior ou menor envolvimento ou com maior ou menor distanciamento em relação ao conhecimento construído, dependendo da sua intenção.

3. Estratégias lingüísticas

Compõem o corpus deste estudo enunciados publicados em jornais e revistas (incluindo os eletrônicos), no período de 14 a 18 de maio de 2004. Foram compilados 26 enunciados retirados de artigos de opinião, cartas de leitores, reportagens, editoriais e comentários de notícias. A idéia de extrair excertos de diferentes setores dos periódicos (artigos de opinião, cartas de leitores, reportagens, editoriais) se deve à preocupação em investigar e confrontar opiniões de pessoas ligadas aos diversos segmentos da sociedade, mostrando que, em função de comprometimentos, os falantes tendem a tomar certos posicionamentos de assunção (envolvimento com o que se diz) ou de distanciamento.

3.1 Estratégias de envolvimento ou de assunção

A. Adjetivação: o enunciador constrói explicitamente adjetivos com os quais se compromete em relação ao que diz, aumentando a força da elocução. Podemos identificar isso nos seguintes segmentos, em que temos diferentes graus de assunção do que é dito, indo do adjetivo mais brando (“injusta e maldosa”, exemplo (1)) ao mais forte e comprometedor (“ordinariamente desqualificado”, exemplo (4)):

(1) “O presidente tem nossa total solidariedade. A reportagem é injusta e maldosa”. Geraldo Alckmin, Veja, 19/05/04, p. 37.

(2) “O jornalista escrevera uma bobagem. Lula cometera um erro medonho”. “Os áulicos são mais numerosos que os sensatos”, Augusto Nunes, *Jornal do Brasil*, A16, 16/05/04.

(3) “Graças à sua tradicional seriedade e competência, o jornal americano “The New York Times” sempre foi tido e havido como paradigma do bom jornalismo. Por isso, mesmo uma reportagem leviana e sensacionalista, como a que acaba de publicar, rotulando o presidente Lula de alcoólatra, obteve grande repercussão em todos os continentes, ainda que careça da mais tênue verossimilhança, ainda que não tenha qualquer base na realidade.” Luiz Henrique da Silveira, Governador de Santa Catarina, *O Globo*, p. 07, 15/05/04

(4) “O jornalismo americano discute, por exemplo, se um cidadão fumou maconha mas não trágou. É um jornalismo ordinariamente desqualificado, que se refletiu no conteúdo da reportagem deste jornalista [Rohter] que está aqui [no Brasil]. O jornalismo no Brasil é muito qualificado, politizado, não aceita esse tipo de baixaria”. Tarso Genro, *O Globo*, p. 9. 16/05/04

B. Apreciação de um fato: por meio de mecanismo lexical (*felizmente*) ou sintático (*É lamentável*), o enunciador constrói uma apreciação a uma informação especificada no enunciado:

(5) “O desfecho do episódio mostra que, felizmente, Lula não tem apenas assessores tresloucados a aconselhá-lo”. Leandra Peres, “Afasta de mim esse cálice”, *Veja*, 19/05/04, p. 40

O enunciador constrói uma asserção (Lula não tem apenas assessores tresloucados a aconselhá-lo) e realiza uma apreciação com “felizmente”.

(6) “É lamentável que neste momento, quando escrevo esta mensagem, o jornal da TV anuncia que o presidente perdoava o imperdoável”. Leônidas Marques, Cartas ao leitor, *Jornal do Brasil*, A8, 16/05/04

Nesse enunciado a apreciação se realiza por meio de um mecanismo sintático em que há uma relação de subordinação entre o termo que contém a apreciação (“É lamentável”) e a asserção que será apreciada (“que neste momento, quando escrevo esta mensagem, o jornal da TV anuncia que o presidente perdoava o imperdoável”).

C. Forma deôntica: o imperativo é uma construção com maior grau de associação entre elocução e força ilocucionária e, por isso, revela um forte envolvimento/assunção do falante com o enunciado. Além disso, ao construir um enunciado deôntico, o enunciador assume totalmente a relação predicativa. Encontramos o seguinte exemplo:

(7) “O governo tem que trabalhar e tem muita coisa pela frente. E será julgado lá na frente”. Duda Mendonça, *O Globo*, p. 9. 16/05/04.

A fala é do publicitário que possui a conta do governo. Sendo assim, podemos interpretar que indica como o governo deve proceder em função do fato ocorrido. Pela credibilidade desse publicitário (participou da campanha eleitoral que levou o atual presidente à vitória), podemos interpretar como sendo realmente uma ordem.

D. Explicitação de uma previsão: o resultado de uma inferência leva o enunciador a realizar uma previsão do que ocorrerá, o que se concretiza com diferentes formas de futuro (futuro de presente e futuro com a locução verbal *ir + infinitivo*):

(8) “A simpatia que muitos jornalistas nutriam por Lula, com ou sem cachaça – pois esse é um problema irrelevante – vai se evaporar, prejudicando, aí sim, a figura do presidente”. Denis Lerrer Rosenfield, “Expulsão e liberdade”, *O Globo*, p. 7, 17/05/04.

A inferência que se explicita, principalmente, em “pois esse é um problema irrelevante”, faz com que o enunciador construa a previsão de “A simpatia (...) vai se evaporar...”.

(9) “O governo tem que trabalhar e tem muita coisa pela frente. E será julgado lá na frente”. Duda Mendonça, *O Globo*, p. 9. 16/05/04.

Com a construção deôntica “O governo tem que trabalhar...”, o falante prevê que, caso contrário, “...será julgado lá na frente”.

(10) “O gesto do governo, cancelando o visto do jornalista responsável pela matéria insultuosa, pode até parecer autoritário, e, certamente, será alvo de duras críticas, mas reflete uma posição de personalidade diplomática, altivez e soberania”. Luiz Henrique da Silveira, Governador de Santa Catarina, *O Globo*, p. 07, 15/05/04.

A inferência está em “O gesto (...) pode até parecer autoritário ...” e a previsão “será alvo de duras críticas”.

E. Assunção total: uma das formas mais claras de envolvimento no enunciado é através da construção de asserções. No sentido de comprometer o ouvinte com a verdade do que está transmitindo, o falante constrói, principalmente, afirmações que revelam sua opinião de forma clara, direta e contundente sem, entretanto, incluir explicitamente a marca da 1ª pessoa (EU):

(11) “O episódio da expulsão do jornalista americano é mais um erro do governo. (...) A reação desproporcional revela uma realidade: a de que temos um governo bêbado, que perambula entre acontecimentos que o surpreendem e emite sinais ambíguos para uma sociedade que, incrédula, se vê decepcionada com o que está assistindo”. Dílson Del Cima, Cartas ao Editor, *Jornal do Brasil*, A8, 16/05/04.

O enunciador sem utilizar o pronome EU explicitou sua opinião, num total comprometimento com aquilo que estava enunciando, ou seja, a partir do episódio da expulsão do jornalista americano apresenta uma crítica à forma como se está governando o país.

(12) “Inúmeras decisões tomadas em instâncias inferiores da Justiça têm ferido a liberdade de imprensa”. Editorial de O Globo, p. 6, 16/05/04.

Esse enunciado por ser um editorial já não seria construído em 1ª pessoa. Isso não prejudica a assunção de determinados posicionamentos. Pelo contrário, tomar posição diante de um fato é característica dos editoriais.

3.2 Estratégias de distanciamento ou desresponsabilização

A. Apresentação de fatos inferidos: o enunciador não assume explicitamente o conteúdo do enunciado favorecendo que, a partir de dados lingüísticos, haja possibilidade de se inferir informações não realizadas contextualmente. Ou seja, a inferência resulta de um conjunto de conhecimentos construídos a partir de indícios:

(13) “Conheço o Lula há trinta anos e não vejo nenhuma razão para o jornal fazer tal suposição”. Fernando Henrique Cardoso, *Veja*, 19/05/04, p. 37

No enunciado, FHC constrói uma inferência em “não vejo nenhuma razão”, pois mostra com o verbo em primeira pessoa (vejo) que “ele, e apenas ele, não vê”, mas outras pessoas poderiam ter o conhecimento do hábito de beber de Lula. A inferência está exatamente ao enunciar que “ele (FHC) não vê”. Se quisesse ser claro, ou se responsabilizar, diria simplesmente que “Lula não bebe...”.

(14) “Os empresários podem ter exagerado ou mentido. Mas uma coisa parece certa: o que a nota do Planalto sobre a “reportagem caluniosa” do *Times* chamou eufemisticamente “os hábitos sociais” do presidente está na boca do povo. Luiz Weis “Os tragos de Lula e os medos da mídia”, *Observatório de Imprensa*.

Nesse enunciado a inferência se verbaliza de duas formas: primeira, no verbo *poder* e se baseia na interpretação subjetiva do enunciador de que ele possui alguma informação anterior para dizer que os empresários exageraram ou mentiram; segunda, com a construção de “uma coisa parece certa” e a seguir a explicação da inferência.

B. Impessoalização: através de recursos lingüísticos, como índice de indeterminação do sujeito ou verbo em 3ª pessoa, o enunciador se distancia do que é dito, realizando uma disjunção enunciativa, ou seja, recorre a fonte enunciativa não explicitada claramente para assim enunciar alguma coisa da qual deseja se distanciar. Isso pode ser igualmente uma estratégia de preservação da face. Ou seja, utiliza a estratégia para resguardar sua face como também para não ferir a face do interlocutor.

(15) Sabe-se disso (“os hábitos sociais” do presidente está na boca do povo) em todas as redações. Sabe-se também que formam uma “legião”, como escreveu Rohter, medindo as palavras, “as histórias de episódios de bebida envolvendo Mr. da Silva”. (...) Luiz Weis “Os tragos de Lula e os medos da mídia”, *Observatório de Imprensa*.

(16) “Falava-se, e vai-se falando, é que o presidente Lula é bom de copo. E nacionalista até a última gota, com preferência pelo produto nacional.”. “Conversa de botequim”, Wilson Figueiredo, *Jornal do Brasil*, A13, 16/05/04.

Nos dois enunciados, os enunciadores recorreram à disjunção enunciativa, ou seja, utilizaram os verbos em 3ª pessoa, com o índice de indeterminação do sujeito, e não em 1ª pessoa, objetivando dessa forma não se comprometerem com a veiculação da notícia de que o presidente tem o hábito de beber, e, conseqüentemente, preservando igualmente suas faces, em caso de alguma acusação de compartilharem dessa acusação.

C. Interrogação: interrogações são realizadas, normalmente, para se obter uma informação de que não se dispõe. Ou, ainda, realizar um outro ato de fala de forma indireta.

(17) “Lamentável a decisão do governo de desistir da expulsão do jornalista americano, perdendo assim uma grande oportunidade de mostrar para os americanos que nós não somos submissos a eles. Ou somos?”. Jonas Pereira, Cartas dos Leitores, *O Globo*, p. 6, 16/05/04.

No enunciado, após construir uma informação, dizendo que “não somos submissos aos americanos”, o falante construiu uma interrogação em que coloca em dúvida essa afirmação. Ou seja, coloca em dúvida sua própria constatação da submissão aos americanos, transferindo para o interlocutor, através do questionamento, dar conta da resposta a essa dúvida. Ao fazer isso, o falante se distancia da afirmação categórica que fez anteriormente de que “somos submissos aos americanos”.

D. Verbo de opinião: ao contrário do verbo de conhecimento, como *saber*, o verbo de opinião assinala, no enunciado em que estiver, um certo grau de distância em relação ao conhecimento construído, resultado da incerteza do enunciador, mesmo que seja utilizado em 1ª. pessoa:

(18) “Acho que o presidente demorou muito para mostrar aos jornalistas e jornais estrangeiros, e também para alguns ‘jornalistas e jornais brasileiros’, que a liberdade de imprensa deve ter como limite a responsabilidade.” Leônidas Marques, Cartas ao leitor, *Jornal do Brasil*, A8, 16/05/04

O leitor não construiu a asserção “O presidente demorou muito para mostrar aos jornalistas e jornais estrangeiros, e também para alguns ‘jornalistas e jornais brasileiros’, que...” e, sim, uma construção que mais se aproxima do domínio do não certo. Isso poderia ser representado no gráfico:

Domínio do não certo X Domínio do certo
acho

A informação construída, no entanto, com o verbo *dever* logo a seguir (*a imprensa deve ter*) situa-se no domínio do certo, portanto com valor modal epistêmico³. Nesse caso não se constitui, com o verbo *dever*, uma estratégia de distanciamento do que está sendo dito, pelo contrário, o falante assume totalmente o que diz.

(19) “Desconfio que pouca gente leu na íntegra e com atenção a reportagem do correspondente do NYT que deu origem a toda essa confusão”. Ricardo Noblat, *A confraria* – Revista Eletrônica

O grau de incerteza em relação ao que se diz é marcado também no enunciado com o verbo *desconfiar*, que apresenta no contexto o mesmo valor semântico de um verbo de opinião.

E. Construção de plano fictício: muitas vezes pode-se construir um plano fictício no qual se realiza a verbalização da informação que se deseja transmitir. Isso ocorre porque se constrói uma ruptura no plano da enunciação para ser realizada a asserção fictícia. Normalmente ocorre com verbos no imperfeito e futuro do pretérito, e com a construção condicional do tipo *se p então q*.

(20) “O governo conseguiu armar uma tempestade em copo d’água a partir da questão que poderia ter sido resolvida com elegância e até um pouco de humor”. Leandra Peres, “Afasta de mim esse cálice”, *Veja*, 19/05/04, p. 41

(21) “Se fosse o caso de ser ferino, os assessores do presidente poderiam ter dito ao correspondente americano que um de seus ex-colegas, o notório Jayson Blair, também seria bem-vindo”. Leandra Peres, “Afasta de mim esse cálice”, *Veja*, 19/05/04, p. 41

(22) “Se fosse no Japão e um jornalista tivesse falado mal do imperador também seria expulso”. Luiz Gusshiken, Chefe da secretaria de Comunicação de Governo, “Frasas da Semana”, *O Globo*, p. 3, 16/05/04.

Nos três exemplos, os enunciadores construíram um plano enunciativo fictício, ou seja, sai do plano normal da situação de enunciação para criar um novo plano e nele realizar a ação proposta no plano normal.

F. Questão retórica: ao recorrer a uma questão retórica, na verdade, o enunciador está construindo contextualmente uma asserção. A interrogação perde seu efeito de transferência para o interlocutor fornecer uma informação solicitada. É uma estratégia de distanciamento, pois em vez de dizer diretamente o enunciado, o falante o faz por meio de uma interrogação. A questão retórica se caracteriza por uma singularidade: se a interrogativa retórica é negativa, tem valor de asserção positiva, se é positiva, tem valor de asserção negativa.

³ O valor neste caso de *dever* é epistêmico, pois para uma leitura deôntica o sujeito deveria ter o traço [+animado].

(23) De mais a mais, quem poderia provar que uma determinada decisão de Lula foi tomada "sob a influência"?" *Observatório de Imprensa*, revista eletrônica.

No enunciado, a interrogação caracteriza um valor de assertividade, já que podemos interpretar que o enunciador construiu na verdade o enunciado: "Ninguém poderia provar que determinada decisão de Lula foi tomada "sob a influência". A transformação de *quem* para *ninguém* atende à característica da retórica de que para uma pergunta positiva tem-se uma resposta negativa. Ou ainda a questão é retórica porque a resposta para a pergunta só poderia ser *ninguém*.

(24) "Como o governo consegue agregar todo mundo num dia e no dia seguinte separar?". Isabel Braga, *Globo Online*, 12/05/04.

O enunciado, apesar de interrogativo, pode ser interpretado como alguma informação que o falante estava passando ao interlocutor e não a solicitação de uma resposta à pergunta formulada. O marcador *como*, que deveria ser completado pelo ouvinte, na verdade não possui nenhum valor, pois não se deseja saber "como o governo..." e sim afirmar que "o governo conseguiu agregar todo mundo num dia e no dia seguinte separar".

G. Atribuição direta a outra fonte enunciativa: há um afastamento do que se diz através da indicação a uma outra fonte enunciativa, mostrando que o enunciador não adquiriu diretamente o conhecimento, mas sim indiretamente, através de uma fonte que lhe é exterior⁴. A fonte exterior pode ser:

→ pelo recurso às aspas

(25) "Mas uma coisa parece certa: o que a nota do Planalto sobre a "reportagem caluniosa" do *Times* chamou eufemisticamente "os hábitos sociais" do presidente está na boca do povo. (...). Os "hábitos sociais" de Lula podem ser, como diz a nota do governo, "moderados". Podem também ser iguais aos "da média dos cidadãos brasileiros"." Luiz Weis, "Os tragos de Lula e os medos da mídia", *Observatório de Imprensa*.

Com uma seqüência de termos entre aspas, o enunciador realizou um distanciamento daquilo que estava dizendo. Buscou em outras fontes enunciativas termos sobre os quais não quis ter comprometimento.

→ pela menção clara da fonte enunciativa

(26) "Para Lula, a reportagem o deixou com fama mundial de bêbado." *UOL NEWS*, 14/05/04

(27) "Alguns auxiliares costumam dizer que aconselhamento demais tiraria a espontaneidade de Lula, que ele deixaria de ser o que é." Teresa Cruvinel, "Faltam amigos junto a Lula", p. 2, *O Globo*, 16/05/04

Nos dois exemplos, são outros que dizem o que os enunciadores reproduziram. Diferentemente do uso de aspas, há identificação clara da fonte enunciativa, em graus diferentes nos dois exemplos. No primeiro é identificada a fonte, ou seja, o presidente Lula. No segundo, num grau menos explícito, são "alguns auxiliares", o que de certa forma delimita a fonte enunciativa num universo de possibilidades.

4. Conclusão

Como vimos, existem inúmeros recursos lingüísticos que favorecem o envolvimento / assunção ou o distanciamento / desresponsabilização do falante em relação ao que diz. Inúmeras são igualmente as razões que justificam tal uso. Com os enunciados analisados, temos uma visão mais ampla das possíveis razões para caracterizar o grau de envolvimento ou distanciamento. Jornalistas, editorialistas, políticos de oposição, cidadãos que escrevem para seção de cartas assumem posição mais contundentes em relação às críticas. Já aqueles que estão ao redor do presidente assumem posição mais favorável ao que o presidente gostaria de ouvir. O exemplo com maior grau de adesão à defesa do presidente foi de Frei Beto, em artigo para o JB, em que diz: "Lula adora tomar porres homéricos de povão, com quem gosta de se misturar, abraçar e afagar. Entre os pobres, sua adrenalina vai a mil. Por isso, fica de ressaca quando a conjuntura o obriga a aprovar um novo salário mínimo aquém do seu sonho e das necessidades dos trabalhadores e dos aposentados". *AMÉM!* diriam os ministros do presidente.

⁴ Esse recurso, entre outros, é muito utilizado no jornalismo, pois, por favorecer o distanciamento do que se diz, faz com que o jornalista não se comprometa com um possível processo judicial. Assim ele diz o que quer dizer, mas coloca a informação na fala de outrem.

5. Referências bibliográficas

CAMPOS, M.H.C. *DEVER e PODER. Um subsistema modal do Português*. Lisboa, FCG/JNICT, 1998.

CAMPOS, M.H.C. “Enunciação mediatizada e operações cognitivas” in A.S. Silva (org.), *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga, APL/UCP, 2001, 325-340.

CULIOLI, A. “Valeurs modales et opérations énonciatives” in *Pour une linguistique de l'énonciation I: Opérations et représentations*. Paris, Ophrys, 1990, 135-155.

NEVES, Janete dos Santos Bessa. “Por uma visão enunciativa da interrogação: um estudo da modalidade no artigo jornalístico de opinião”. In Eberhard Gärtner; Christine Hundt & Axel Schönberger (orgs.), *Estudos de gramática portuguesa (I)*, Franckfurt am Main, TFM, 2000, 99-118.

NEVES, Janete dos Santos Bessa “Para a interpretação do futuro como marcador enunciativo de modalidade”. In S.P. Bernardo & V.C. Menezes (orgs.), *Estudos da Linguagem: Renovação & Síntese. Anais do VIII Congresso da ASSEL-RIO (Rio de Janeiro, 1998)*. Rio de Janeiro, ASSEL-RIO, 1999, 448-455

NEVES, Janete S. Bessa. “Mediativo e jornalismo”. In Tiago Freitas & Amália Mendes (orgs.), *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1, 2, e 3 de Outubro de 2003)*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 2004, 615-622.

NEVES, Janete S. Bessa & OLIVEIRA, Teresa (2003) “Estratégias lingüísticas de distanciamento no jornalismo: as construções mediatizadas”. In Leonel Ruiz Miyares, Célia E. Alvarez Moreno & Maria Rosa Alvarez Silva (Editores), *Actas – II – VIII Simpósio Internacional de Comunicación Social (Santiago de Cuba, 20-24 de Enero Del 2003)*, Santiago de Cuba, Centro de Lingüística Aplicada, 2003, 823-827.